

## Projeto de pesquisa (Pós-doutorado)

### Ontologia em Merleau-Ponty

**Resumo:** Aprofundando e desenvolvendo uma perspectiva trabalhada anteriormente, este projeto pretende explicitar a presença de uma linha ontológica constante ao longo de toda a filosofia de Merleau-Ponty. Concentrando-nos em três momentos diversos de sua obra, procuramos não apenas indicar a existência de uma ontologia em momentos em que ela é frequentemente desconsiderada, mas também explicitar que um de seus eixos principais está na afirmação de uma unidade primária entre o Ser e o Nada, proposição de um tipo de reversibilidade não identitária que põe em suspenso os dualismos clássicos. Pretendemos, desse modo, evidenciar a posição original que Merleau-Ponty assume no debate filosófico de sua época, sustentando uma leitura diversa daquela mais difundida entre seus estudiosos.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty - ontologia - Ser - Nada - reversibilidade

### Introdução e Apresentação do projeto

Em nossos estudos anteriores sobre Merleau-Ponty<sup>1</sup>, procuramos explicitar a presença de uma dimensão ontológica ao longo de sua obra, indicando-a como base fundamental de suas análises. De acordo com nossa leitura, esta ontologia tem como uma de suas características principais o reconhecimento da dimensão auto-formativa do Ser, configuração espontânea do sensível e do sentido apoiada em uma vinculação intrínseca entre a parte e o todo que prescinde de qualquer operador externo. Seja por meio da análise da percepção e da temporalidade<sup>2</sup>, seja através do estudo sobre a linguagem e a pintura<sup>3</sup>, ou ainda pela explicitação

---

1 Tratamos dessa questão principalmente em nossa pesquisa de Mestrado (MOURA, Alex de Campos. *Liberdade e situação em Merleau-Ponty*, São Paulo: Humanitas, 2010) e de Doutorado (MOURA, Alex de Campos. *Entre o ser e o nada: a dissolução ontológica em Merleau-Ponty*, Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 2010)

2 Conforme buscamos indicar em nossa análise sobre a *Fenomenologia da Percepção*, feita em nossa pesquisa de Mestrado.

3 Conforme nossa análise sobre a linguagem e sobre *O olho e o Espírito*, feita principalmente em nossa pesquisa de Doutorado e no artigo *A visão como abertura* (MOURA, Alex de Campos. IN: *Cadernos Espinosanos*, USP, v. XX, 2009)

das relações entre o Visível e o Invisível<sup>4</sup>, Merleau-Ponty reencontra constantemente um tipo de unidade que se faz pela relação interna de seus elementos, configurados como entidades referenciais e diacríticas, explicitando um contexto ontológico que, ao invés de opor, articula intrinsecamente os termos com os quais opera. Segundo nossa hipótese de trabalho, um dos eixos centrais dessa ontologia está na reconfiguração do papel do Nada, compreendido não mais como aquilo que se opõe ao Ser, mas como o que o constitui. Situando-se fora da alternativa entre materialismo e espiritualismo<sup>5</sup>, aquém da divergência entre o intelectualismo e o negativismo<sup>6</sup>, a filosofia de Merleau-Ponty defende uma unidade ontológica apoiada na reversibilidade entre o Ser e o Nada. Divergindo, como trabalharemos no decorrer da pesquisa, de outros filósofos contemporâneos, como Sartre<sup>7</sup> e Heidegger<sup>8</sup>, ele assume uma posição original no debate ontológico de sua época, buscando explicitar uma configuração em que não mais se opõem o ser e o não-ser. Assim, nossa hipótese de trabalho é a de que há uma ontologia ao longo de toda a obra do autor, e em especial de que uma de suas bases está na reconfiguração do sentido do Nada, que passa a ser compreendido como formativo do Ser, encarregado por sua gênese interna,

---

4 Conforme nossa análise sobre *O Visível e Invisível*, feita em nossa pesquisa de Doutorado.

5 Como procuramos indicar em nossas pesquisas anteriores, a crítica à separação entre o subjetivo e o objetivo, o espiritual e o material, é um dos eixos principais da filosofia de Merleau-Ponty, presente desde seu início. Sua crítica ao “pequeno racionalismo” e à ontologia cientificista está presente desde *Estrutura do Comportamento* e percorre toda a sua obra, estabelecendo uma das questões centrais que sua reflexão busca ultrapassar: a configuração das noções de sujeito e objeto, especialmente em seu caráter dicotômico. A esse respeito, ver por exemplo: MOUTINHO, Luiz Damon. *Razão e experiência: Ensaio sobre Merleau-Ponty*, Rio de Janeiro: UNESP, 2006. Teremos oportunidade de tratar dessa questão ao longo da pesquisa.

6 Essa questão é trabalhada por Merleau-Ponty especialmente em *O Visível e o Invisível*, conforme procuramos indicar em nossa pesquisa de Doutorado.

7 A discussão com Sartre é uma constante ao longo de toda a obra de Merleau-Ponty. Presente na *Fenomenologia da Percepção*, em *Sens et Non-Sens*, e em praticamente todos os seus textos, ela indica, a nosso ver, ao mesmo tempo uma proximidade (temática) e uma distância (quanto à resposta). Conforme procuramos indicar em nossa pesquisa de Mestrado (MOURA, Alex de Campos. *Liberdade e situação em Merleau-Ponty: uma perspectiva ontológica*, São Paulo: Humanitas, 2010) e em nosso texto *Sobre a questão do sentido em Merleau-Ponty: introdução a partir de uma relação com Sartre* (MOURA, Alex de Campos. IN: GENTIL, Hélio; CARNEIRO, Marcelo. *Filosofia Francesa Contemporânea*, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2009).

8 A aproximação de Merleau-Ponty, em especial de *O Visível e o Invisível*, com Heidegger tem sido tema constante de muitos estudos. Ela é indicada, por exemplo, por DASTUR, em seu livro “chair et langage”, no qual a autora afirma haver mesmo uma “virada” no final da obra de Merleau-Ponty, como uma passagem em direção à Heidegger: “Ce tournant, c'est donc bien aussi celui qui fait passer Merleau-Ponty de Husserl à Heidegger, comme l'attestent ses derniers cours au Collège de France” (DASTUR, Françoise. *Chair et langage*, Paris: Encre Marine, 2001, p.10). Outros autores, como por exemplo HAAR (Proximity and distance, IN: Merleau-Ponty and the possibilities of philosophy, New York: State University of New York, 2009), tratam das influências heideggerianas nas últimas reflexões de Merleau-Ponty. De modo geral, como afirma SAINT-AUBERT (*Vers une ontologie indirecte*, Paris: Vrin, 2006) parece haver uma tendência em reconhecer essa aproximação: “On a souvent pensé que l'entreprise ontologique de Merleau-Ponty s'ouvrait, sous l'influence de Heidegger, dans un net recul à l'égard du registre 'antropologique', certaines formules de l'auteur induisant cette interpretation.” (p. 19)

O próprio Saint-Aubert porém, parece relativizar essa proximidade, mostrando uma certa divergência, sobretudo em relação à prática de uma ontologia efetivamente indireta por parte de Heidegger (p. 118), e chamando a atenção para o fato de que a questão central para Merleau-Ponty continua sendo a “reabilitação ontológica do sensível”, ao passo que em Heidegger ela permanece um tema lateral, de certo modo diluído em uma perspectiva mais ampla (p.149). Desenvolveremos essa questão ao longo da pesquisa.

apoiando como veremos simultaneamente sua abertura e sua unidade.

Buscando aprofundar e desenvolver essa perspectiva, trataremos agora do modo como essa ontologia aparece em sua análise das noções de estrutura<sup>9</sup>, instituição<sup>10</sup> e Natureza<sup>11</sup>. Optamos por esse recorte porque ele contempla uma parte da obra do filósofo sobre a qual não nos concentramos anteriormente, permitindo desenvolver e aprofundar nossos estudos anteriores; e sobretudo porque ele abarca momentos em que a presença de uma ontologia é pouco reconhecida ou mesmo ignorada, como ocorre, em parte, no caso da instituição, e sobretudo no da estrutura, ajudando a confirmar nossa hipótese de trabalho de que há uma ontologia (às vezes implícita) ao longo de toda a reflexão do filósofo, sustentando uma leitura um pouco diversa da maior parte das interpretações sobre o tema. Ao abordar três “fases” diversas no interior de sua filosofia – situando-se, respectivamente, no que se convencionou chamar período inicial (das duas primeiras obras), intermediário (focado sobre a questão da linguagem) e final (onde só então a ontologia tomaria corpo) – poderemos explicitar uma linha ontológica constante por sob a analítica merleau-pontyana, uma certa compreensão do Ser que, a despeito de seus desdobramentos e transformações, ou por eles mesmos, se mantém coesa, estabelecendo um eixo reafirmado por diversos ângulos.

Nos afastamos, desse modo, da linha de interpretação mais frequente sobre seu pensamento. Como procuramos apontar em nossas pesquisas anteriores, de modo geral parece haver duas vertentes principais de interpretação, especialmente no que se refere ao lugar da ontologia no interior da reflexão filosófica de Merleau-Ponty: uma que privilegiaria a continuidade com as proposições iniciais, especialmente com a *Fenomenologia da Percepção*, indicando que já haveriam traços ontológicos em suas primeiras obras; e outra que acentuaria as rupturas que o projeto de *O Visível e o Invisível* traria, pois só então se configuraria efetivamente uma ontologia<sup>12</sup>.

---

9 De acordo com nossa hipótese de trabalho, trataremos sobretudo da noção de estrutura apresentada por Merleau-Ponty no início de sua obra, especialmente em *A Estrutura do Comportamento*. A noção de estrutura aparece ao longo de toda a obra do filósofo, sendo um dos eixos principais de sua reflexão, constantemente trabalhada pelo autor. Teremos oportunidade de tratar dessa questão ao longo da pesquisa.

10 MERLEAU-PONTY, *L'institution, la passivité*, Belin, 2003

11 MERLEAU-PONTY, *La Nature*, Paris: Seuil, 1995

12 A esse respeito ver: FERRAZ, Marcus Sacriani. *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*, SP: Papirus, 2009

Embora não se possa reduzir as diversas análises do filósofo, e nem atar sua diversidade a um único ponto, nos parece possível reconhecer um predomínio da vertente que privilegia a ruptura. Isso porque, segundo a maioria das análises, a *Fenomenologia da Percepção* não teria sido capaz de efetivamente escapar do dualismo ontológico clássico. O principal autor nessa direção é Barbaras, segundo o qual haveria mesmo uma falta de embasamento propriamente filosófico para as descrições dessa obra: em uma leitura já clássica da obra de Merleau-Ponty<sup>13</sup>, ele sugere que, embora a análise da percepção tenha descortinado um campo novo, a *Fenomenologia da Percepção* permaneceria incapaz de efetivamente problematizá-lo, presa aos paradigmas dualistas e ao subjetivismo. Cabe notar que essa leitura é posteriormente relativizada pelo próprio autor<sup>14</sup>, mas mantendo o não reconhecimento de uma ontologia no início da obra de Merleau-Ponty. Lefort, em encaminhamento semelhante, vê o projeto de reformulação do transcendental pretendido pela *Fenomenologia da Percepção* esbarrar nas “amarras intelectualistas” da filosofia aí exposta, na afirmação de um Cogito e na tentativa de igualar o pensamento ao ser, recusando ao irrefletido um sentido próprio<sup>15</sup>.

Outros autores já parecem assumir essa “limitação” de sua “primeira” filosofia como fato, como é o caso por exemplo de Bernet, que também considera que a *Fenomenologia da Percepção* recairia na contradição de manter, ao lado da existência corporal, uma certa subjetividade espiritualizada<sup>16</sup>, permanecendo inserida no contexto da ontologia clássica. Entretanto, ele próprio reconhece que essa existência corporal, justamente por articular o sujeito à natureza, o pessoal ao geral, apresentaria “(...) sistemas de significação simbólica de uma grande riqueza e de um grau avançado de articulação”<sup>17</sup>, apontando para uma não separação entre o empírico e o transcendental e entre o homem e a natureza que já abririam caminho para um afastamento da filosofia reflexiva<sup>18</sup>, antecipando o tema da natureza que seria depois desdobrado.

Dentro dessa perspectiva de reconhecimento de uma problemática comum, alguns autores afirmam uma certa dimensão ontológica na *Fenomenologia da Percepção*, mas continuam a considerá-la

---

13 BARBARAS, Renauld. *De l'être du phénomène*, Grenoble: Millon, 1991

14 BARBARAS, Renauld. *Le tournant de l'expérience*, Paris: Vrin, 1998

15 LEFORT, *Sur une colonne absente*, Paris: Gallimard, 1978, p. 83

16 BERNET, Rudolf. *La vie du sujet*, Paris: Universitaires de France, 1994, p 170.

17 Idem, p. 171: “des systèmes de signification symbolique d'une grand richesse et d' une degré avancé d'articulation” [tradução nossa]

18 Idem, p. 183,184

insuficiente para efetivamente divergir da ontologia clássica. Seja pela permanência de uma “atividade categorial” que escaparia à toda condição situacional, como é o caso de Bimbenet<sup>19</sup>, ou pela inconsistência da noção de intencionalidade, como indica Saint-Aubert<sup>20</sup>, haveria uma espécie de equívoco em suas obras iniciais.

Conforme nossa hipótese de trabalho indicada acima, que pretendemos aprofundar e desenvolver ao longo da pesquisa, sustentamos uma leitura que reconhece uma maior proximidade e uma certa linearidade ao longo da obra do filósofo, especialmente no que tange à presença e à configuração de uma ontologia. Como teremos oportunidade de mostrar, não se trata de afirmar que não há mudanças e que as obras posteriores apenas explicitariam algo já dado desde o início, mas de reconhecer um projeto constante, uma perspectiva e um eixo que se mantêm e se aprofundam ao longo de toda a sua reflexão, estabelecendo uma orientação claramente definida e embasada.

Para o tratamento de nosso tema, um dos caminhos principais da pesquisa será trabalhar o modo como ele aparece na relação entre a parte e o todo – questão central da analítica fenomenológica<sup>21</sup> – indicando que, assim como ocorria em seus estudos anteriores<sup>22</sup>, Merleau-Ponty a reveste de uma significação ontológica, baseada em sua compreensão própria do negativo: cabe mostrar que ele propõe uma imbricação estrutural entre o parcial e a totalidade graças ao reconhecimento de uma negatividade ou de uma abertura estrutural partilhada por ambos. Recusando a positividade dos termos, tanto a parte quanto o todo passam a ser considerados pelo filósofo como estruturas abertas ou negativas, realidades diacríticas. A parte como transição ou negação determinada das demais e, no limite, do todo, confirmando-o e realizando-o indiretamente; o todo,

---

19 BIMBENET, Étienne. *Nature et humanité*, Paris: Vrin, 2004

20 SAINT-AUBERT, Emmanuel de. *Le scénario cartésien*, França; Vrin, 2005, p. 141

21 A relação entre a parte e o todo é uma questão central para Husserl, fundamental no próprio estabelecimento do campo de investigação próprio à fenomenologia. A esse respeito ver: MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Racionalidade e crise*. São Paulo: Discurso Editorial / Edufpr, 2001, especialmente seu ensaio *Exame de paternidade*.

Em nossa leitura, como estamos buscando explicitar, essa é uma das questões centrais da filosofia de Merleau-Ponty, presente ao longo de toda sua obra, desde a *Estrutura do Comportamento*. Ela indicaria, a nosso ver, ao mesmo tempo uma proximidade e uma distância em relação a Husserl: conforme nossa pesquisa de Mestrado (MOURA, Alex de Campos. *Liberdade e situação em Merleau-Ponty: uma perspectiva ontológica*, São Paulo: Humanitas, 2010), se ela é reafirmação do método fenomenológico, ela é simultaneamente um dos eixos pelo qual Merleau-Ponty opera a passagem da fenomenologia à ontologia (mostrando os limites da redução e a decorrente impossibilidade de separar o singular e o geral, o fato e o sentido, reconhecimento daquilo que resiste ao campo estritamente fenomenológico, como indicado no *Préface da Fenomenologia da Percepção*), afirmando a impossibilidade da cisão entre o transcendental e o empírico, explicitando uma unidade espontânea formada pela estrutura diacrônica de seus elementos.

22 Conforme procuramos indicar em nossos estudos anteriores.

reciprocamente, como articulação geral composta pela transcendência de cada singularidade, expressão da transitoriedade que as estrutura. Há assim, como veremos, uma espécie de constituição recíproca entre um e outro, dinâmica comum em que o singular e a totalidade se revertem e se afirmam: O que unifica as partes e, correlativamente, diversifica a unidade, é precisamente a negatividade originária do Ser, abertura ou diferenciação interna, que impede simultaneamente o repouso em si e a pura alteridade; não um negativo absoluto, mas a diferença que descentra e reflexiona o “mesmo”.

O singular, assim compreendido, não é uma entidade positiva isolável, mas um momento ou uma diferenciação da unidade geral; esta, por sua vez, não é uma entidade positiva idêntica, mas a constância de seu próprio movimento interno de auto-diferenciação. A solução do filósofo para conceber a relação entre a parte e o todo recorre a um negativo que, inscrito no Ser, é auto-segregação, capaz de assegurar sua reversibilidade sem exclusão e sem redução. A unidade ontológica proposta, a nadificação constituinte intrínseca ao todo, será o movimento de auto-diferenciação originário em que se configuram tanto a unidade geral quanto a singularidade de cada parte. Desse modo, como procuraremos mostrar na pesquisa, a “diferença” se torna um operador central na ontologia de Merleau-Ponty, configurando esse negativo feito no intermeio entre o ser e o não-ser.

Poderemos indicar, assim, a posição original que ele assume em um período histórico de transição no debate filosófico, não apenas no contexto “fenomenológico”<sup>23</sup>. Pois, por um lado, ele “antecipa” um operador central do pós-modernismo, afirmando uma dissolução intrínseca ao Ser; mas, por outro, ele mantém um traço “clássico”, afirmando a unidade e a coesão deste mesmo Ser, um Logos que conserva a coerência do todo e recusa a pura diferenciação<sup>24</sup>. Como veremos, ele pode fazê-lo justamente por compreender a diferença – explicitando o caráter próprio do negativo que buscamos –, não como recusa ou relativização completa, mas como simultaneidade entre o ser e o nada, diacronia estruturante, o que permite preservar a abertura do Ser sem privá-lo de sua unidade, afirmando entre eles, ao contrário, uma constituição recíproca, fazendo do negativo

---

23 Pensamos aqui, como indicado acima, sobretudo em Heidegger e Sartre. Autores que, em comum com Merleau-Ponty, fizeram uma espécie de passagem da fenomenologia à ontologia, prolongando a matriz husserliana em uma direção nova. A esse respeito, ver: MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Racionalidade e crise*, São Paulo: Discurso Editorial / Edufpr, 2001

24 A relação de Merleau-Ponty com o pós-modernismo parece ter ganho destaque nos últimos anos, especialmente com Derrida. A esse respeito, ver por exemplo: REYNOLDS, Jack. *Merleau-Ponty and Derrida*, Ohio: Ohio University Press, 2004; WATKIN, Christopher. *Phenomenology or Deconstruction? The question of ontology in Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur and Jean-Luc Nancy*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. Trabalharemos essa questão durante a pesquisa.

justamente o que unifica e faz ser.

É essa dimensão constituinte assumida pelo negativo na filosofia de Merleau-Ponty que a análise das noções de estrutura, instituição e Natureza, nos ajudará a explicitar, revelando um negativo geracional. Iniciaremos nossa pesquisa trabalhando as noções de estrutura e de instituição separadamente, conforme abordadas pelo autor, mostrando como cada uma delas se insere nessa reconfiguração ontológica e a revela. Em seguida, indicaremos como ambas se articulam na análise que Merleau-Ponty faz da noção de Natureza, apontando que a ontologia aí descrita reúne Gestalt e instituição justamente como expressões desse negativo estruturante e da exceção do Ser. Sustentaremos assim a hipótese de que a compreensão merleau-pontyana sobre esses três temas centrais de sua filosofia se apóia em sua revisão ontológica, mostrando que a afirmação do Ser como espontaneidade, capaz de por si mesmo configurar-se em unidade e situação, equivale a afirmá-lo como unidade negativa, coesa por sua própria abertura.

A instituição aparecerá, desse modo, como matriz-simbólica, generalidade formal que não obstrui a liberdade singular, mas a modula e situa, dimensão geral ou configuração aberta cuja efetividade demanda uma ação autônoma que a prossiga, arquétipo que por princípio não se esgota em si. A estrutura, de maneira semelhante, será um conjunto coerente que tende à conservação, mas que se preserva justamente por diferenciação interna, unidade ou constância de sua diacronia intrínseca. Em consonância com elas, a Natureza será uma dinâmica unitária e geracional, conjunto aberto que articula as singularidades de modo coeso, ela própria uma “folha” no interior de uma unidade ontológica que não recusa a especificidade dos termos, mas sim sua cisão, afirmando um princípio comum de articulação de uma totalidade internamente dissonante.

Como veremos, de uma à outra, da estrutura à instituição e à Natureza, o que se pode reconhecer é uma espécie de alargamento, ou de radicalização, da afirmação da exceção do sentido, da auto-instituição como fenômeno central e do papel do negativo como constituinte de um Ser que escapa aos dualismos da ontologia clássica. Nos três casos, explicitaremos essa unidade que se faz pela abertura intrínseca às suas partes, negatividade partilhada que faz de cada termo passagem aos demais e afirmação latente do todo.

Concentrando-nos em sua obra *A Estrutura do Comportamento*, primeiro de seus livros publicados, procuraremos mostrar que já ali a estrutura aparece com um sentido ontológico preciso: dar conta do fenômeno do comportamento fora dos marcos da ontologia clássica, concebido não mais como ideia ou objeto puro, mas como dimensão situada fora da alternativa entre o ser-para-si e o ser-em-si. Aqui, é o momento de sua obra em que a presença de uma ontologia parece ser menos reconhecida por seus estudiosos. Sua explicitação nos ajudará a sustentar nossa interpretação sobre Merleau-Ponty, em uma perspectiva ainda pouco considerada por seus leitores.

Cabe à estrutura, segundo o filósofo, a tarefa de ultrapassar o realismo tanto em sua vertente física quanto intelectualista, articulando o físico, o vital e o espiritual não mais como seres ou substâncias diversos, mas precisamente como *diferenças* formais ou estruturais, organizadas segundo graus diversos de integração. Já aqui portanto aparece a afirmação de uma unidade ontológica originária e multifacetada, espontaneamente configurada por uma dinâmica interna de diferenciação, responsável simultaneamente por sua unidade e pela multiplicidade de suas manifestações.

A diferença já se afirma portanto como princípio estruturante comum, encarregado justamente da articulação entre a parte e o todo, em um conjunto composto segundo diferentes estágios de organização. Como veremos, o núcleo da descrição que Merleau-Ponty faz da noção de estrutura está precisamente nessa relação interna e originária existente entre o parcial e a totalidade. Modo de Ser cuja configuração se faz por um sistema de reenvios que lhe é intrínseco, atando cada elemento ao todo, a estrutura, segundo ele, é uma unidade em que as partes não existem nem antes e nem fora dela, apenas se configurando e se equilibrando pela relação que estabelecem entre si, enquanto expressões da dinâmica comum que nelas se efetiva: “Porque as formas e em particular os sistemas físicos se definem como os processos totais em que as propriedades não são a soma daquelas que possuiriam as partes isoladas”<sup>25</sup>, e ainda: “Cada momento nela é determinado pelo conjunto dos outros e seu valor respectivo depende de um estado de equilíbrio total cuja fórmula é um caráter intrínseco da

---

25 MERLEAU-PONTY, Maurice. *La structure du comportement*, Paris: Presses Universitaires de France, 1942, p. 49

‘forma’<sup>26</sup>. A estrutura é assim um todo original, constituído por partes que não são senão momentos relacionados e a ele subordinados, “unidade de determinação recíproca”<sup>27</sup> que se efetiva como processo de auto-distribuição e cujo traço principal é sua unidade primária. Decorre disso, como mostra Merleau-Ponty, a impossibilidade de compreendê-la como uma soma de partes *reais*<sup>28</sup>, pois cada uma delas não se define senão pela relação com o conjunto e por sua participação na “lei” do todo<sup>29</sup>. Já aqui, portanto, não há a parte como entidade separada ou isolável, mas apenas como momento ou diferenciação do conjunto, negação determinada e realidade diacrônica.

Correlativamente, a unidade não é externa ao múltiplo, mas justamente a lei ou o estado de equilíbrio segundo o qual esse processo de diferenciação se efetiva, coesão feita da abertura e da referência de cada singularidade às demais. Espécie de significação comum sob a qual a diversidade dos momentos se articula, essa unidade será ao mesmo tempo imanente e transcendente, parcialmente expressa e intencionalmente visada, cabendo à ela conferir a cada momento seu valor singular e seu lugar no todo, dando ao conjunto seu caráter unitário. Poderemos reconhecer, portanto, já na análise da estrutura, aquela compreensão de uma unidade aberta que buscamos, configuração ontológica simultaneamente coesa e diferenciada. Ela não é nem um puro Nada, pois permanece atada à existência aberta de suas partes, e nem um puro Ser, pois permanece como transcendência ou transitoriedade geral, totalidade negativa.

Explicitando seu caráter ontológico, a estrutura se coloca no intermeio entre o Ser e o Nada: nem inteiramente presente e nem inteiramente ausente, sua unidade não dispõe de positividade, não se deixa circunscrever de modo objetivo, sendo antes abertura e horizonte. Mais ainda, como veremos, confirmando nossa hipótese de pesquisa, essa negatividade é precisamente o que assegura a exceção do Ser e sua organicidade intrínseca, garantindo a referência espontânea da parte a um todo jamais inteiramente dado. Caberá mostrar, desse modo, que a estrutura de que fala Merleau-Ponty é o Ser que se forma pela abertura intrínseca que faz da parte uma expressão do todo, singularização ou diferenciação de uma unidade mais ampla – ela própria negativa, feita por transcendência e horizontes que recusam positividade tanto ao singular quanto ao geral. Dinâmica

---

26 Idem, p. 101

27 Idem, p. 54

28 Idem, p. 102

29 Idem, p. 110

formativa da estrutura, a passagem do parcial ao total, e com ela a aparição (negativa) do sentido, se fazem espontaneamente graças à imbricação originária e recíproca entre o Ser e o Nada.

Após a explicitação dessa ontologia latente nas descrições sobre a estrutura, passaremos à análise da noção de instituição, desenvolvida por Merleau-Ponty especialmente em um curso ministrado no *Collège de France* entre os anos de 1954 e 1955<sup>30</sup>, para reencontrar aí a afirmação dessa gênese espontânea do sentido, reafirmando sua estrutura ontológica híbrida, confirmando a auto-constituição do Ser por meio da relação interna entre a parte e o todo realizada por uma negatividade estruturante. Como procuraremos explicitar, por instituição o filósofo designa um tipo de “matriz simbólica”<sup>31</sup> ou “evento-matriz”<sup>32</sup>, advento de uma ordem ou de um sentido que se forma espontaneamente e não se esgota em si, inaugurando uma abertura ou um horizonte geral.

Assim como a estrutura, a instituição é descrita pelo filósofo como unidade que se forma pelo “parentesco” do múltiplo<sup>33</sup>, fundação de uma totalidade lateral e indireta cuja gênese se faz por seu arranjo concreto, enquanto princípio comum de estruturação de suas partes, tomadas como entidades diferenciais, formando-se espontaneamente pelo movimento que vai da parte ao todo e dele à ela. A análise da instituição nos permitirá reencontrar a compreensão de um conjunto composto pela abertura de seus elementos; unidade esboçada pela transitividade de suas partes. Ela não é um dado fechado sobre si, mas o estilo geral que unifica o diverso pela constância de sua composição e reversibilidade, ensinando a consistência interna ao acontecimento e ao mundo: formação espontânea do sentido graças à compossibilidade de seus elementos, a instituição, como veremos, será estruturação originária, “há prévio”<sup>34</sup> ou visibilidade operante:

“Entendemos então aqui por instituição estes eventos de uma experiência que a dotam de dimensões duráveis, em relação às quais toda uma série de outras experiências terão sentido, formarão uma continuidade pensável ou uma história, - ou ainda os eventos que depositam em mim um sentido, não a título de

---

30 MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'institution, la passivité*, Belin, 2003

31 Idem, p. 45

32 Idem, p. 44

33 Idem, p. 36

34 O “há” originário é um tema central de *O Visível e o Invisível*, conforme procuramos indicar em nossa pesquisa de Doutorado.

sobrevivência e de resíduo, mas como apelo a uma continuação, exigência de um porvir.”<sup>35</sup>

Abertura a um porvir, a instituição é precisamente unidade aberta, sincronicidade entre coesão e diferenciação. Estruturação operante, ela é apelo à um devir, pré-figuração que permanece horizonte, generalidade formal que, por isso mesmo, não pode esgotar-se ou encerrar-se em nenhuma de suas manifestações parciais. Assegurando a passagem recíproca entre a singularidade do diverso e a organicidade do todo, ela é movimento e transformação orientados, conservação simultânea da singularidade de cada termo e da unidade do todo, em uma estrutura intercambiável que encontrará na temporalidade, como indicaremos na pesquisa, seu fundamento: “O tempo é o modelo mesmo da instituição: passividade-atividade, ele continua, porque ele foi instituído, ele difunde-se, ele não pode deixar de ser, ele é total porque parcial, ele é um campo”<sup>36</sup>. Compreendida como temporalidade, a instituição responderá por essa unidade aberta e por essa síntese espontânea próprias à experiência e à história, unificação do diverso pela abertura instaurada em cada singularidade. Ela reafirmará, assim, a reversibilidade orgânica entre o uno e o múltiplo, esse tipo de Ser que se auto-configura por sua estrutura diacrítica, pela imbricação entre o Ser e o Nada.

Feita a explicitação dessa ontologia latente nas análises da estrutura e da instituição, passaremos então ao estudo da noção de Natureza – sobretudo aquela desenvolvida pelo autor em seus cursos publicados posteriormente sob o título *A Natureza* - para ver aí, de modo mais nítido, a reafirmação dessa estrutura ontológica centrada na reversibilidade entre a parte e o todo, na afirmação da auto-constituição de uma unidade aberta e negativa. Como indicaremos, a análise da Natureza recorre explicitamente às noções de estrutura e de instituição, articulá-las para reafirmar o caráter auto-formativo do Ser, explicitando a compreensão do Nada como instituinte, ajudando a sustentar nossa hipótese de trabalho.

A análise de Merleau-Ponty parte da explicitação de que “(...) o conceito de Natureza é sempre

---

35 MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'institution, la passivité*, Belin, 2003, p. 124: “On entendait donc ici par institution ces événements d'une expérience qui la dotent de dimensions durables, par rapport auxquelles toute une série d'autres expériences auront sens, formeront une suite pensable ou une histoire, - ou encore les événements qui déposent em moi un sens, non pas à titre de survivance et de résidu, mais comme appel à une suite, exigence d'un avenir.” [tradução nossa]

36 MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'institution, la passivité*, Belin, 2003, p. 36: “Le temps est le modele même de l'institution: passivité-activité, il continue, parce qu'il a été institué, il fuse, il ne peut pas cesse d'être, il est total parce qu'il est partial, il est un champ.” [tradução nossa]

expressão de uma ontologia<sup>37</sup>, isto é, que ela é uma camada que deve ser compreendida como “(...) folha do Ser = como parte desse complexo, reveladora do todo<sup>38</sup>. A Natureza, portanto, considerada não como domínio do ser objetivo, mas como parte da totalidade mais abrangente que ela integra: reafirmando o que as análises anteriores indicavam, é preciso reconhecer uma unidade ontológica originária mais ampla e geral, da qual ela participa, aquém da dualidade entre o para si e o em si: “Há um tema único da filosofia: o nexus, o vinculum 'Natureza' – 'Homem- 'Deus'<sup>39</sup>”.

“Nenhuma diferença substancial entre Natureza física, vida, espírito. Passamos entre o pensamento causal-realista e o idealismo filosófico porque encontramos no Ser bruto, selvagem, vertical, presente, uma dimensão que não é a da representação nem a do Em-si. (...) Será necessário deslindar melhor essa idéia de ser, ou seja, daquilo que faz com que esses Seres, a Natureza, o homem, sejam – e estejam – 'um no outro', que estejam juntos do lado do que não é nada, precisar sobretudo a relação do positivo e do negativo neles, do visível e do não-visível. E confrontar esse Ser interiormente tecido de negação com o Ser das ontologias clássicas.”<sup>40</sup>

Nessa citação central para nós, torna-se explícito aquilo que estamos procurando indicar, o projeto merleau-pontyano de encontrar uma unidade ontológica, um tipo de Ser em relação ao qual as categorias clássicas não apareçam senão como diferenças estruturais, imbricadas umas nas outras enquanto tecidas pelo mesmo princípio de organização, pela reversibilidade entre o Ser e o Nada, unificação e distensão em um só movimento. Assim como ocorria na *Estrutura do Comportamento* e na análise da instituição, encontramos como operador central de sua ontologia uma negatividade operante, responsável pela composição intrínseca ao diverso, encarregada justamente – em uma profunda torção dos parâmetros clássicos – por recusar o Nada absoluto, o puro não-ser. Confirmando o sentido próprio do negativo que buscamos, trata-se de uma negação que não nadifica completamente, mas faz ser, mediando o ser e o não ser, propondo um espaço comum a eles.

O “princípio negativo” a que recorre Merleau-Ponty afirma pois uma negatividade que é

---

37 MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Natureza*, São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 330

38 Idem, p. 329

39 Idem, p. 329

40 Idem, p. 343

formativa, responsável pela gênese do Ser. Reenvio estrutural entre o parcial e o geral, princípio originário de diferenciação a partir do qual se configuram tanto a singularidade das partes quanto a unidade do Ser, ela é o Nada que, em certo sentido, nega sua própria negatividade: “Essa ausência só se torna fator por negação de sua própria negação. É menos uma unidade do múltiplo no ser vivo do que uma adesão entre os elementos do múltiplo. Num certo sentido, só há o múltiplo, e essa totalidade que surge não é uma totalidade em potência mas a instauração de uma certa dimensão.”<sup>41</sup> Unidade ontológica que desconhece a cisão entre o uno e o múltiplo, o Ser de negação defendido por Merleau-Ponty põe em suspenso as alternativas opostas do pensamento clássico, ensinando uma negação que se nega dando forma e sentido ao Ser. Instauração de uma dimensão, ela é instituição, configuração de uma unidade aberta que, diacrítica e auto-regulada, é também estrutura.

Enfim, o que se pretende explicitar em nossa pesquisa é esse movimento em que a filosofia merleau-pontyana reconfigura o sentido do Nada e, com ele, articula as ideias de estrutura, instituição e Natureza, explicitando uma nova compreensão do Ser. Assim, trabalharemos a ontologia própria à filosofia de Merleau-Ponty; sua permanência (muitas vezes ignorada) ao longo da obra; e sua originalidade no reconhecimento de uma reversibilidade estrutural entre o Ser e o Nada, capaz de recusar o modelo dualista clássico pela afirmação de uma negatividade geracional, encarregada de fazer ser vinculando internamente a parte e o todo. Teremos oportunidade, desse modo, de explicitar uma dimensão ainda pouco estudada em sua obra, e a novidade trazida por ela em relação a uma das questões mais debatidas do pensamento contemporâneo, a ontologia.

### **Justificativa**

Segundo nossa hipótese, a questão da ontologia é um dos eixos do pensamento de Merleau-Ponty. Como indicamos acima, é possível notar sua presença desde suas primeiras obras, configurando o solo latente de suas descrições; em nossas pesquisas de Mestrado e de Doutorado, procuramos problematizar essa questão. A fim de desenvolver e aprofundar essa abordagem analítica, fortalecendo nossa hipótese de

---

41 Idem, p. 255

interpretação, julgamos relevante mostrar a presença dessa ontologia em outros momentos de seu pensamento, explicitando-a em descrições em que ela é pouco reconhecida ou mesmo ignorada – como ocorre sobretudo no caso da estrutura e em parte no da instituição.

Esse estudo nos permitirá, assim, explicitar uma dimensão da obra de Merleau-Ponty frequentemente despercebida por seus leitores e estudiosos: não apenas a presença de uma perspectiva ontológica desde o início de sua reflexão, mas também sua constância, explicitando um projeto filosófico claramente estabelecido e embasado, empenhado em recusar a ontologia clássica por meio de uma reconfiguração das noções de Ser e Nada, tornadas momentos reversíveis e reciprocamente constituintes no interior de uma unidade comum. Explicitando a originalidade do filósofo frente ao debate filosófico de sua época, poderemos mostrar um eixo de seu pensamento que nos parece central em sua obra, e que permanece comumente subestimado.

Pensamos, desse modo, justificar o interesse por tal tema da filosofia de Merleau-Ponty.

### **Objetivos**

Como já mostramos na introdução e apresentação do projeto, o objetivo desse trabalho é defender a Tese de que há uma ontologia ao longo de toda a obra de Merleau-Ponty, marcada sobretudo pela reconfiguração do papel do Nada, que passa a ser compreendido então como constitutivo do Ser, em uma reversibilidade que recusa a ontologia clássica e seu dualismo. Contemplando três momentos diversos no interior da obra – a noção de estrutura, instituição e Natureza – poderemos explicitar a presença dessa ontologia em momentos pouco considerados pelas interpretações sobre o autor, e sustentar nossa hipótese de um projeto constante no decorrer de sua reflexão.

Os objetivos principais, portanto, são:

a) Indicar a presença de uma ontologia já na primeira formulação da noção de estrutura, feita por Merleau-Ponty em *A estrutura do Comportamento*, indicando que já aí o filósofo propõe um tipo de unidade ontológica entre o Ser e o Nada, recusando as noções de em-si e para-si como entidades positivas e opositivas.

b) Mostrar como essa ontologia ganha corpo na análise da noção de instituição, assumindo um papel central em sua formulação, respondendo por uma unidade espontânea e originária entre o Ser e o Nada que embasará as diversas descrições do filósofo, propondo uma mediação entre passividade e atividade.

c) Explicitar como a análise da Natureza retoma e aprofunda essa perspectiva ontológica já presente nas noções anteriores, mostrando uma negatividade estrutural, responsável por fazer ser, recusando todo o dualismo clássico ao ensinar a reversibilidade primária entre o ser e o não-ser, explicitando o novo sentido do Nada proposto por Merleau-Ponty. Retomar e articular as análises para formular a conclusão.

Como já dissemos, não se tratam de momentos estanques, mas correlatos e interdependentes.

### **Plano de trabalho e cronograma de sua execução**

Esse plano pretende identificar as etapas através das quais o trabalho será realizado. Como já afirmamos acima, pretendemos dividir a pesquisa em três momentos principais, não independentes, mas apenas com enfoques diversos. O primeiro, referente ao item *a* dos objetivos, se concentrará principalmente em seu livro *A Estrutura do Comportamento*. O segundo momento, voltado sobretudo para o curso *A instituição, a passividade*, procurará dar conta do objetivo especificado no item *b*. Por fim, o terceiro tratará do objetivo *c*, concentrando-se na análise de *A Natureza*, o que nos permitirá então retomar as questões levantadas e formular a conclusão da pesquisa. Os três momentos, consoante os temas abordados, serão acompanhados pela leitura de outros textos do próprio autor e pela leitura de textos de comentadores, conforme especificado na Bibliografia.

Para efeito de clareza, e para mostrar qual o **Material e o Método** utilizados, podemos apresentar o *plano de trabalho e o cronograma* do seguinte modo:

*Mês 1 ao mês 7.* Referente ao item *a* dos objetivos descritos acima: Fichamento e análise da bibliografia fundamental (sobretudo *A Estrutura do Comportamento*), elaboração de um texto que articule esse texto com a bibliografia auxiliar (tanto do autor quanto de comentadores). Problematização e análise das questões levantadas.

Mês 8 ao mês 14. Referente ao item **b** dos objetivos descritos na página anterior: Fichamento e análise da bibliografia fundamental (sobretudo *A Instituição, a passividade*), elaboração de um texto que articule essa análise com a bibliografia auxiliar (tanto do autor quanto de comentadores). Problematização e análise das questões levantadas.

Mês 15 ao mês 24. Referente ao item **c** dos objetivos descritos na página anterior: Fichamento e análise da bibliografia fundamental (sobretudo *A Natureza*), elaboração de um texto que articule essa análise com a bibliografia auxiliar (tanto do autor quanto de comentadores), e levantamento dos temas relevantes. Análise das questões problematizadas. Retomada dos pontos centrais e conclusão.

Por se tratar de um trabalho estritamente teórico, a **Análise** será feita ao longo de toda a pesquisa, contemplando todos os momentos especificados: o fichamento dos textos fundamentais, a articulação desses textos com outras obras relacionadas, e a problematização das questões levantadas.

## **Bibliografia (síntese)**

### **Obras do autor**

MERLEAU-PONTY. M. *Éloge de la Philosophie et autres Essais*, Paris: Gallimard, 1997

\_\_\_\_\_. *Humanisme et Terreur*, Paris: Gallimard, 1947

\_\_\_\_\_. *La Nature*, Paris: Seuil, 1995

\_\_\_\_\_. *La Prose du Monde*, Paris: Gallimard, 1969

\_\_\_\_\_. *La Structure du Comportement*, Paris: PUF, 1967

\_\_\_\_\_. *Le Visible et le Invisible*. Paris: Gallimard, 1964

\_\_\_\_\_. *Les Aventures de la Dialectique*, Paris: Gallimard, 1955

\_\_\_\_\_. *L'Oeil et L'Esprit*, Paris: Gallimard, 1964

\_\_\_\_\_. *L'Union de l'Âme et du Corps chez Malebranche, Biran et Bergson*, Paris: Vrin, 1968

\_\_\_\_\_. *Merleau-Ponty à la Sorbonne. Résumés de Cours 1948-1952*, Grenoble; Cynara. 1988

\_\_\_\_\_. *Notes de cours 1958-1961*, Texte établi par Stéphanie Ménasé, Gallimard, 1996

\_\_\_\_\_. *Notes de Cours sur l'Origine de la Géométrie de Husserl*, Paris: PUF, 1998

\_\_\_\_\_. *Parcours*, Lagrasse: Verdier, 1997

\_\_\_\_\_. *Parcours II*, Lagrasse: Verdier, 2000

\_\_\_\_\_. *Phénoménologie de la Perception*, Paris: Gallimard, 1997

\_\_\_\_\_. *Résumés de Cours. Collège de France 1952-1960*, Paris: Gallimard, 1968

\_\_\_\_\_. *Sens et non Sens*, Paris: Gallimard, 1997

\_\_\_\_\_. *Signes*, Paris: Gallimard, 1968

### **Outras obras**

ALQUIÉ, Ferdinand. *Une philosophie de l'ambigüité. L'existencialisme de Merleau-Ponty*, Fontaine, 1947

BARBARAS, Renaud. *De l'être du phénomène. Sur l'ontologie de Merleau-Ponty*, Grenoble: Millon, 1991

\_\_\_\_\_. *Le tournant de l'expérience*, Paris: Vrin, 1998

\_\_\_\_\_. (org.). *Recherches sur la phénoménologie de Merleau-Ponty. Notes de cours sur 'L'origine de la géométrie' de Husserl*, Paris: PUF, coll. Épiméthée, 1998

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*, São Paulo: Martins Fontes, 2005

BERNET, Rudolf. *La vie du sujet – Recherches sur l'interprétation de Husserl dans la phénoménologie*, Paris: Universitaires de France, 1994

BIMBENET, Étienne. *La Structure du comportement, Chap III – l'ordre humain*, Paris: Ellipses, 2000

\_\_\_\_\_. *Nature et humanité*, Paris: Vrin, 2004

BONAN, Ronald (éd). *Merleau-Ponty de la perception à l'action*, Université de Provence, 2005

BURKE, Patrick; VENEN, Jan Van. *Merleau-Ponty in Contemporary Perspective*, Boston / London: Kluwer Academic Publishers

CABESTIAN, Philippe. *Chiasmi International, Merleau-Ponty de la nature à l'ontologie*, Paris-Milan-Memphis, Vrin-Mimesis-University of Memphis, 2000

CARBONE, Mauro. *Al Confini dell'esprimibile. Merleau-Ponty a partire de Cézanne e de Proust*. Milano: Edizioni

Ângelo Guerini, 1990

\_\_\_\_\_. *Il sensible e l'ecedente. Mondo estetico, arte, pensiero*, Milano: Ângelo Guerini, 1996

CARMEN, Taylor; HANSEN, Mark. *The Cambridge Comparision to Merleau-Ponty*, Cambridge University, 2005

CATALDI, Suzanne. *Merleau-Ponty and Environmental Philosophy*, New York: State University of New York, 2007

CHAUÍ. *Experiência do pensamento. Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*, São Paulo: Martins Fontes, 2002

DAIGLE, Christine; GOLOMB, Jacob. (eds). *Beauvoir & Sartre: the riddle of influence*, Indiana University, 2009

DASTUR, Françoise. *Chair et langage - essais sur merleau-ponty*, Paris: Encre Marine, 2001

\_\_\_\_\_. *Maurice Merleau-Ponty, Le psychique et le corporel*, Aibier, 1988

DESCOMBES, V. *Le même et l'autre. Quarante-cinq ans de philosophie française*, Paris: Minuit, 1979

ELLIOT, Brian. *Phenomenology and Imagination in Husserl and Heidegger*, New York: Routledge, 2005

\_\_\_\_\_. *dire le temps*, Paris: encre marine, 2002

FERRAZ, Marcus Sacrini. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*, SP: Papyrus, 2009

FLYN, Bernard; FROMAN, Wayne; Vallier, Robert (eds). *Merleau-Ponty and the possibilities of philosophy*, New York: State University of New York, 2009

GERAETS, T.F. *Vers une nouvelle philosophie transcendente. La gênese de la philosophie de Maurice Merleau-Ponty jusqu'à la 'Phénoménologie de la perception'*, La Haye: Nijhoff, 1971

HAAR, M. Merleau-Ponty. *Phénoménologie et experiences*, Grenoble, Jérôme Millon, 1992

HEIDEGGER, Martin. * tre et temps*, trad. Martineau, Authentica, Hors commerce, 1985

\_\_\_\_\_. *Lettre sur l'humanisme*, Trad. Munier, Paris, Aubier, 1957

HUSSERL, Edmund. *Idées Directrices pour une Phénoménologie et une Philosophie Phénoménologique Pures*, Paris: PUF, 1998

\_\_\_\_\_. *La crise des sciences europ enes et la phénoménologie transcendante*, Paris: Gallimard, 1976

\_\_\_\_\_. *Méditations cartésiennes*, trad. E. Levinas et G. Peiffer, Paris, Vrin, 1947

JANICAUD, D. *La phenomenology éclatée*, Paris:  ditions de l'éclat, 1998

- JOHNSON, G. A. (ed). *The Merleau-Ponty Aesthetics Reader, Philosophy and Painting*, Evanston: Northwestern University Press, 1993
- LEFORT, Claude. *Sur une colonne absente. Écrits autour de Merleau-Ponty*, Paris: NRF Gallimard, 1978
- MADISON, G. B. *La phenomenologie de Merleau-Ponty, une recherche des limits de la conscience*, Paris: Éditions Klicksiek, 1973
- MARES, Petre. *Jean-Paul Sartre ou les chemins de l'existentialisme*, Paris: L'Harmattan, 2006
- MEI, Todd. *Heidegger, Work and Being*, London: continuum, 2009
- MOURA, Alex de Campos. *Liberdade e situação em Merleau-Ponty*, São Paulo: Humanitas, 2010
- \_\_\_\_\_. *Entre o ser e o nada: a dissolução ontológica em Merleau-Ponty*, Tese de Doutorado, FFLCH, USP, 2010
- \_\_\_\_\_. *Sobre a questão do sentido em Merleau-Ponty: introdução a partir de uma relação com Sartre*, IN: GENTIL, Hélio; CARNEIRO, Marcelo. *Filosofia Francesa Contemporânea*, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2009
- \_\_\_\_\_. *A visão como abertura*, IN: *Cadernos Espinosanos*, USP, V. XX, 2009
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Racionalidade e crise*. São Paulo: Discurso Editorial / Edufpr, 2001
- MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e experiência: Ensaio sobre Merleau-Ponty*, Rio de Janeiro: UNESP, 2006
- NERI, Guido. *Merleau-Ponty, figure della nuova ontologia*, Firenze, La Nuova Italia Editrice, 1989
- OLKOWSKI, Dorothea; MORLEY, James (eds). *Merleau-Ponty, interiority and exteriority, psychic life and the world*, New York: State University of New York, 2009
- PEILLON, Vincent. *La tradition de l'esprit – Itinéraire de Maurice Merleau-Ponty*, Paris: Edittions Grasset & Fasquelle, 1994
- PETTIGREW, David; RAFFOUL, François (eds.). *French interpretations of Heidegger*, New York: State University of New York, 2008
- PIERCEY, Robert. *The Uses of the Past from Heidegger to Rorty*, New York: Cambridge, 2009

- RICOUER, Paul. Par-delà Husserl et Heidegger. IN: Actualités de Merleau-Ponty, Les Cahiers de Philosophie, n. 7, Lille, Université de Lille III, 1989
- ROSEN Stanley. *La question de l'être. Heidegger renversé*, Paris: Vrin, 2008
- SAINT-AUBERT, Emmanuel. *Du liens des êtres aux éléments de l'être*, Paris, Vrin, 2004
- \_\_\_\_\_. *Le scénario cartésien*, Paris: Vrin, 2005
- \_\_\_\_\_. *Vers une ontologie indirecte*, Paris Vrin, 2006
- SALVATORE, C. *La testimonianza del linguaggio. Saggio Su Merleau-Ponty*, Milano: Franco Angeli, 1999
- SARTRE, Jean-Paul. *L'imagination*, Paris: P.U.F., 1963
- \_\_\_\_\_. *L'Être et le Neant*, Paris: Gallimard, 1943
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*, Paris: Payot, 1955
- SILVERMAN, Hugh J. *Textualities: between hermeneutics and deconstruction*, New York, Routledge, 1994
- SIMON, Anne; CASTINN, Nicolas (orgs.). *Merleau-Ponty & le littéraire*, Paris: École Normale, 1997
- SLATMAN, Jenny. *L'expression au-delà de la représentation*, Vrin, 2003
- SMITH, David. *Husserl*, London: Routledge, 2007
- TAMINIAUX, Jacques. *Le regard et l'excédent*, La Haye: Martinus Nijhoff, 1977
- TYMIENIECKA, Anna-Teresa. *Merleau-Ponty, Le psychique et le corporel*, Paris: Aubier, 1988
- TOADVINE, Ted. *Merleau-Ponty's Philosophy of Nature*, Illinois: Northwestern University, 2009
- WAHL, Jean. *Vers le concret. Études d'histoire de la philosophie contemporaine*, Paris: Vrin, 1932
- WATKIN, Cristopher. *Phenomenology or Deconstruction? The question of ontology in Maurice Merleau-Ponty, Paul Ricoeur and Jean-Luc Nancy*, Edinburgh: Edimburgh University Press, 2009
- WATSON, Stephen H. *In the Shadow of Phenomenology*, London: continuum, 2009
- WATSON, Stephen H. *Phenomenology, Institution and History*, London: continuum, 2009
- WEBB, David. *Heidegger, Ethics and the Ontology*, London: continuum, 2009
- WEBBER, Jonathan. *The existentialism of Jean-Paul Sartre*, New York: Routledge, 2009